

Avião de Sarney ^{imagem}escapa de acidente

Política

NOVA YORK — “O Jumbo da Japvan Air Lines estava diante de nós. Depois de pousar, ele parou na pista, em vez de sair dela. O piloto japonês queria orientação sobre a pista para taxiar. Num aeroporto como o Kennedy, o mais movimentado do mundo, qualquer parada, mesmo curta, conta muito. Nós, então, arremetemos.” Foi assim que o piloto do Boeing da Presidência da República descreveu ontem o pequeno incidente que pouca gente da comitiva oficial de 14 pessoas percebeu, inclusive o presidente Sarney. O avião da Força Aérea Brasileira era o décimo na fila de pouso no aeroporto de Nova York, no domingo, com intervalo de 50 segundos entre um avião e outro, como explicou o coronel-aviador Salazar. “Ao avistarmos a pista, só tínhamos quatro aviões à frente”, contou o piloto brasileiro. Se o Boeing 02 da FAB, prefixo KC-137, não tivesse recebido a ordem da torre para “circular pela esquerda”, teria colidido com o avião da JAL, a apenas dois quilômetros da aeronave brasileira, já pronta para aterrissar, a 300 metros de altura.

Não houve pânico a bordo. O presidente Sarney confirmou ontem, ao sair do almoço com o ministro Abreu Sodré, das Relações Exteriores, no Restaurante Tavern on the Green, que não ficou abalado: “Foi um procedimento normal”, disse o presidente, mais espantado com a reação em cadeia que a notícia provocou no Brasil. Ele até recebeu um telefonema do ministro da Aeronáutica, brigadeiro Octávio Moreira Lima, e do presidente em exercício, deputado Ulysses Guimarães.

Marly Sarney saiu para rezar, ontem de manhã, mas não quis relacionar sua ida à Catedral Saint Patrick com a “quase trombada” no Aeroporto John F. Kennedy, domingo à noite.

CALAFRIO

A deputada Márcia Kubitschek (PMDB-DF) lembrou que, dentro do avião — um Boeing 707 branco — o

presidente Sarney e sua comitiva só perceberam algo estranho no momento do arremetimento quando reviram as luzes de Nova York do alto, em outro sobrevôo da cidade. Mas o deputado Roberto Jefferson (PTB-RJ) sentiu o momento da arremetida, e o descreveu como “um calafrio”, que todos a bordo devem também ter sentido.

O presidente não parecia nem um pouco assustado ao desembarcar com 20 minutos de atraso no aeroporto Kennedy, às 22h10 de domingo. Estava sorridente, acenando para a comitiva que o esperava na pista, no Hangar 14.

O esquema de segurança montado para o desembarque do presidente foi bastante rigoroso. Um esquadrão antiterrorista da polícia varreu completamente a área, usando a cadela Annie, uma labradora de 4 anos, que procurava com o faro uma eventual bomba nos equipamentos da imprensa e pelos cantelros. Os repórteres trocaram de ônibus para ter acesso à pista e acabaram confinados em um curralzinho. Ali, uma hora antes da chegada do presidente Sarney, eles estiveram com o ministro Abreu Sodré, vindo da Escandinávia.

Ao desembarcar, Sarney abraçou demoradamente Sodré e depois, um a um, todos os que formavam longa fila, entre eles o embaixador do Brasil nos Estados Unidos, Marçílio Marques Moreira, e os embaixadores Paulo Nogueira Batista, representante na Organização das Nações Unidas, e Dario Castro Neves, na Organização dos Estados Americanos. Com sua mulher, o presidente seguiu para a limusine branca do serviço secreto americano, acenando para os repórteres, confinados no curralzinho. O restante da comitiva oficial, entre diplomatas e deputados, fora os ministros Sodré e Rubem Bayma Denys (Gabinete Militar), foi se dispersando para um ônibus e alguns carros, deixando o aeroporto. (MR)



Carlos Fenerich

Amigo maranhense critica presidente

BRASÍLIA
AGÊNCIA ESTADO

“Muy amigo!”, diria com ironia um velho personagem de Jô Soares se ouvisse o suplente de deputado federal Ely Sócrates, maranhense como o presidente, falando do governo do seu amigo José Sarney, de quem herda, com orgulho, roupas usadas e abotoaduras personalizadas. “Ele jamais governou de fato o País, pois está mobilizado em cima do tapete das transnacionais e com a espada dos generais na garganta”, afirma esse ex-jornaleiro com diploma de advogado e título de “professor”.

Ely Sócrates costuma circular pelo Congresso Nacional e frequentar o Palácio da Alvorada, onde comemorou com os Sarney — o presidente, Marly e os “meninos” — a vitória dos cinco anos na Constituinte. Comeu jerimum no café da manhã, acompanhou o presidente na sua caminhada pelos jardins, mas ontem desdenhou: “Quem venceu foi o Estado e não a Nação. O Estado e a Nação estão completamente divorciados neste país”.

Entregador do jornal *O Dia* à família Sarney, em São Luiz, Ely Sócrates foi fazendo amizade, cursou a faculdade e frustrou-se nas urnas. Restou-lhe o discurso empoadado, que não poupa nem Sarney.